

ENTREVISTA



Chiara Lubich

A Acta Semiotica et Linguistica entrevista pessoas que estudaram os escritos de **Chiara Lubich** ou participaram de sua trajetória como personalidade do mundo contemporâneo.

(ASEL) Dra. Vera Araújo, a senhora é socióloga brasileira, membro do Movimento dos Focolares e participou da fundação da chamada Escola Abba por Chiara. Poderia nos dizer, em poucas linhas, qual a verdadeira finalidade dessa Escola?



Na foto:
Vera Araújo
à direita e
a Editora
Gerente
da Acta à
esquerda.

DRA. VERA ARAÚJO - A Escola Abba é o Centro de Estudos do Movimento dos Focolares, fundado por Chiara Lubich no início do ano 1990. A sua finalidade é aquela de estudar, penetrar, aprofundar um período de iluminação contemplativa e mística vivido por Chiara e suas primeiras companheiras e do qual existe um texto, escrito por ela mesma, intitulado “Paraíso ‘49” (‘49 está para o ano 1949). Chiara mesma escreve: “ ali iniciou um período de graças especiais. Tivemos a impressão que o Senhor abrisse aos olhos da alma o Reino de Deus”. Trata-se, portanto, de uma verdadeira viagem em Deus, no Seio do Pai, onde ali habitando, Chiara conhecia os habitantes do Paraíso (o Pai, o Verbo, o Espírito Santo, Maria ...), percebia os relacionamentos que ali se davam; entendia a obra criadora do Pai, a ação salvadora do Verbo e aquela santificadora do Espírito Santo; penetrava no desígnio de Deus sobre toda a criação e sobre a humanidade; e tantas outras realidades. O valor desta experiência está não só no seu conteúdo, mas também na particularidade com a qual foi vivida, ou seja, um inteiro grupo de pessoas unidas no nome de Jesus (cf. Mt 18,20). Foi uma experiência longa no tempo, cerca de dois anos, que lhes deu uma nova compreensão de inúmeras verdades da fé cristã.

A Escola Abba — da qual participei por vinte anos — é um laboratório de estudo, que tem como finalidade ordenar, examinar, estudar profundamente o texto “Paraíso ‘49”. O trabalho iniciado com Chiara (que dele participou até a sua morte em 2008), consistiu e consiste em evidenciar as novidades que o texto traz no campo da doutrina, através da

espiritualidade, da teologia e de muitas outras disciplinas (filosofia, antropologia, sociologia, pedagogia, direito, psicologia, ciências da comunicação, matemática, linguística, ciências da natureza, etc.). Da sua criação até a atualidade, a Escola passou por três etapas. Posso afirmar que a primeira etapa foi aquela de oferecer a Chiara a oportunidade, ela própria, de explicar, comentar, recordar, explicitar as intuições que teve sobre Deus, o homem e o cosmo. Num segundo momento, os membros da Escola Abba confrontaram os escritos de Chiara com a grande tradição da Igreja, da história da espiritualidade e da cultura universal. Em seguida, começaram a elaborar comentários e estudos na forma de artigos, muitos deles publicados na revista “Nova Humanidade”. Enfim já se iniciou a publicação de volumes numa coletânea chamada “Estudos da Escola Abba”.

A metodologia corrente na Escola Abba é aquela indicada no texto “Paraíso ‘49”, um percurso de vida, no qual é necessário ser introduzidos e guiados. Antes de estudar, vive-se e vive-se comunitariamente, segundo o amor mútuo. Faz parte de a nossa metodologia pactuar o amor mútuo, um verdadeiro pacto de unidade que nos torna capazes de penetrar um no outro, um no pensamento do outro. Uma última anotação: A Escola Abba é interdisciplinar, intercultural, internacional e intergeracional.



(ASEL) Professora Anna Maria Rossi, a Senhora preside uma seção da chamada *Escola Abba*, dedicada ao estudo, na área de Letras e Linguística. Poderia nos contar quais são os objetivos dessa escola criada dentro de um movimento religioso? Que peculiaridades da personalidade dessa importante mulher são destacadas no trabalho realizado pelo grupo?

PROFA. ANA MARIA: Chiara Lubich sempre considerou, de fundamental importância, a comunicação do seu carisma ao maior número de pessoas possível, através da palavra escrita e oral. De particular valor e importância é a transmissão do que Chiara viveu nos anos 1949-50, quando passou por um período de tantas graças que teve a impressão de experimentar, na terra, a própria realidade do Paraíso. Uma experiência então lembrada com o nome de Paraíso 49 e da qual permanecem testemunhos escritos, em grande parte não publicados. O estudo destas páginas, iniciado sistematicamente no início dos anos 90, com a aprovação pela Igreja dos Estatutos do Movimento, Chiara confia à Escola Abba, Centro de estudos interdisciplinar, escola de vida e de pensamento, à qual se propõe a identificar e elaborar a doutrina contida no carisma, a partir justamente do estudo desses escritos.

No ano 2000, durante um Congresso realizado pela Escola Abba, encontramos pela primeira vez como um pequeno grupo de especialistas em *Linguística, Filologia e Literatura*. Em nossas mãos, um texto constituído por simples “fragmentos” dos escritos místicos de Chiara que datam de 1949, citados em vários artigos publicados na seção *À luz do carisma da unidade* da revista “Nuova Umanità”. É neste congresso que surgem as linhas que deveriam ter norteado o trabalho do grupo LFL nos próximos anos e que se concretizam numa espécie de “manifesto” que foi dirigido a Chiara Lubich cujo conteúdo resume em alguns pontos: olhar a literatura — de cada época, de cada nação, de cada língua — com novos olhos; descobrir uma relação de amor trinitário que também liga os elementos constitutivos da literatura: o autor — o texto — o leitor; começar a delinear os elementos para uma nova “teoria da literatura” como uma “teoria da comunhão”. Chiara Lubich incentivou várias vezes o desenvolvimento destes estudos à luz do Carisma, abrindo as portas da Escola Abba à *Linguística, Filologia e Literatura* em novembro de 2003. Em harmonia com as linhas de trabalho que, gradualmente, surgiram dentro da Escola Abba, nosso interesse — como um grupo *LFL, tem-se* centrado, alguma vezes, em textos-chaves de evidente valor literário; em outras, tenta investigar como a visão do homem e do mundo expressa por Lubich nos escritos de 1949 também pode lançar uma nova luz sobre a literatura e as ciências linguísticas em geral. As primeiras reflexões se fundiram em três seminários de estudo em 2006, 2007 e 2009.

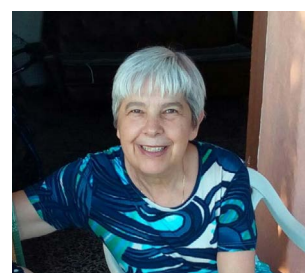
Um marco importante é a publicação em 2013 do volume *Come frecciate di luce* — itinerários linguísticos e literários na narrativa de 49 de Chiara Lubich, uma primeira tentativa do nosso grupo de concretizar o que foi proposto no “manifesto” através de várias contribuições, que não vou ilustrar por uma questão de tempo, porém os convido a conhecê-la diretamente. Seguiram-se dois eventos internacionais: o primeiro, em 2015, em Castelgandolfo-Itália, intitulado *Dizer é dar: a palavra como dom e relação*, cujas atas foram publicadas com o mesmo título, em 2017; e o segundo, em setembro passado, intitulado *Chiara Lubich em diálogo com o mundo: uma abordagem linguística, filológica e literária de seus escritos*. Entre os eventos, quero recordar, de forma particular, a experiência especial feita em João Pessoa, com o primeiro Seminário sobre a escrita de Chiara, organizado fora da Itália, graças ao empenho e interesse de um grupo de professores da Universidade Federal da Paraíba, incluindo as professoras Evangelina Faria e Fátima Batista.

Os escritos de autores místicos, especialmente os contemporâneos, muitas vezes são vistos apenas como textos de edificação espiritual. Na realidade, são obras, de grande valor literário, humanístico e histórico que são construídos em linguagem viva, criativa e corajosa. Merecem, portanto, ser estudados e tornados acessíveis a um público diversificado, não necessariamente religioso, mas que se deixe tocar por sua beleza e seus valores.



Chiara ministrando aula no ensino primário

(ASEL) Profª Dra Maria Caterina Atzori, a Senhora concluiu, recentemente, a organização de um novo livro, *Conversações*, de Chiara Lubich. Poderia nos dizer algo a respeito? Antes, entretanto, pediria que incluísse uma breve apresentação pessoal.



PROFA. MARIA CATERINA. Pertencço à Escola ABBA, sou filóloga e trabalho, em tempo integral, no Centro Chiara Lubich, precisamente nos escritos de Chiara. Nesta perspectiva, eu a vejo como uma “escritora”, embora ela não se considerasse como tal. Atualmente, estou lidando com a edição crítica do primeiro livro *Meditações* que deve estar pronto em 2021. Meu trabalho consiste em procurar autógrafos [manuscritos], todas

as cópias impressas, estudo de variantes e aparatos críticos, contextualização histórico-literária de textos individuais, etc. Mas você me pergunta sobre *Conversações*. Esta é a última publicação da série *Obras de Chiara Lubich*, publicada há apenas um mês pela editora *Città Nuova*, por enquanto em italiano. Esperamos, no entanto, que ele possa ser traduzido em breve para vários idiomas, dado que os pensamentos espirituais individuais foram traduzidos à época nos vários idiomas por razões de comunicação imediata com os destinatários não italianos. O que é “novo” e que pode nos interessar neste trabalho, mesmo no nível linguístico-literário?

O volume contém duzentos e oitenta e cinco pensamentos espirituais escritos por Chiara Lubich entre 1981 e 2004 e, de tempos em tempos, transmitidos pessoalmente, por meio de conferências telefônicas, às várias comunidades dos Focolares presentes nos cinco continentes. Mesmo no Brasil, já havia muitos pontos de escuta. São pensamentos muito ricos, que contam uma vida e descrevem, nas suas várias etapas, aquele que é um verdadeiro caminho espiritual, vivido à luz do Carisma da unidade, um caminho marcadamente comunitário, pelo qual vamos a Deus “junto com” os irmãos. Este caminho - descrito precisamente em *Conversações* — foi concluído *primeiro* por Chiara Lubich e, ao mesmo tempo, por aqueles que aceitaram o convite para fazer, juntos, aquilo que Chiara, adotando as palavras de um Salmo, chamou de “Santa Viagem” da vida.

Alguns dias atrás, por ocasião da apresentação do volume na Faculdade de Ciências da Comunicação, da Universidade Salesiana de Roma, uma jornalista perguntou-me se Chiara Lubich, com esses pensamentos espirituais, queria, de alguma forma, criar um “novo gênero literário”. Penso que, certamente, Chiara não tinha intenção de criar um novo gênero literário. De fato, esses textos não foram escritos por ela em vista da publicação de um livro. A publicação só ocorreria mais tarde e, inicialmente, através de livretos, amplamente solicitados não apenas pelos membros do Movimento dos Focolares, mas também por aqueles que, em vários níveis, estavam de alguma forma em contato conosco. No início, esses textos foram escritos, um por um, antes de tudo para serem “pronunciados”, transmitidos verbalmente, usando o receptor do telefone (e aqui está a *novidade* do “gênero”, que sempre abriu um diálogo imediato com os interlocutores, formou uma família estendida em todos os continentes. A “palavra é apresentada como dom”; o “dizer” para Chiara “é dar”. Esta é a força de sua palavra, falada ou escrita. Somente mais tarde essas “conexões telefônicas” foram coletadas para a publicação. Nesse sentido, podemos, portanto, afirmar que, em *Conversações*, nasce um novo gênero literário que combina palavra e vida e estabelece um diálogo íntimo e profundo entre a autora e os seus interlocutores, em sentido mais amplo, entre emissor e receptor, entre escritor e leitor, entre escritor e seu tradutor. Essa dinâmica que podemos chamar de “dinâmica do dom”, “dinâmica do amor”, “dinâmica da unidade”, diz respeito, não apenas aos protagonistas do momento histórico em que Chiara Lubich viveu,

mas de alguma forma cria um modelo para o hoje da história. Na passagem da “conexão telefônica” [oral] para a página escrita, cada texto aparece como uma carta que, embora contextualizada no tempo e no espaço, deseja estabelecer um contato direto com os novos leitores, interpelados cada vez com a fórmula de abertura: “Caríssimos”. São “conversas” que continuam agora a existir nas páginas de um livro que contém “palavras verdadeiras”, nascidas não de uma simples conversa, mas de uma teoria conjugada com uma experiência concreta de vida de unidade, do encontro com o outro, do caminhar juntos pelas estradas da vida e, por isso, *impõem-se pelo poder da evidência*. Os escritos de Chiara Lubich, feitos em italiano (sua língua materna), mas traduzidos para vários idiomas, são veículos de um Carisma que é o da unidade e nos abrem o horizonte para a *fraternidade universal*.



(ASEL) Prof. Adelmo Galindo, o Senhor fez seu Mestrado na França e no Brasil, encontra-se concluindo, na USP de São Paulo, seu Doutorado em Letras. Além disso, o Senhor trabalhou na editoração de livros para o movimento criado por Chiara nos dois países. Poderia nos informar quantos livros Chiara escreveu, de que conteúdos ela tratou e qual a incidência desses livros no mundo?

PROF. ADELMO GALINDO. Eu diria que Chiara Lubich foi uma ensaísta de produtividade abundante e vasta. Mas é difícil dizer com precisão quantos livros ela escreveu. Falecida em 2008, ainda hoje há textos seus que são inéditos e podem vir a ser publicados. Os livros de sua autoria já ultrapassaram os cem títulos, que foram traduzidos em vários países e idiomas diversos: inglês, espanhol, francês, alemão, japonês, árabe, coreano, mandarim. No Brasil, temos dezenas de livros de sua autoria já publicados pela Editora Cidade Nova. Sua primeira publicação em formato de livro foi *Meditações*, em 1959, que foi traduzido em praticamente todos os países onde o Movimento dos Focolares — fundado por ela — desenvolveu alguma atividade editorial, ainda que modestamente. A esse se seguiram outros dois: *Pensamentos* e *Fragmentos*. Esses seus primeiros livros, assim como muitos outros, recolhem pensamentos espirituais elaborados a partir de sua leitura dos textos bíblicos e da relação que ela tinha com pessoas de todas as classes sociais e de diferentes credos religiosos. Uma de suas contribuições peculiares em termos de produção cultural e espiritual é certamente sua capacidade de expressar reflexões permeadas por aspectos teológicos e filosóficos de maneira acessível e atrativa. O segundo trabalho editorial de sua autoria foi a série de quatro volumes intitulada *Escritos espirituais*, traduzidos e vendidos em vários países. O primeiro volume da série, *A atração do tempo moderno*, reúne textos que expressam — com poeticidade — uma compreensão *à l'avant*

garde das virtudes e da beleza de Maria de Nazaré e das relações humanas. A incidência de seu pensamento, veiculado em suas publicações, é difícil de mensurar. Contudo, os dezesseis títulos de doutora *honoris causa* em vários campos das Ciências Humanas, o Prêmio Unesco de Educação para a Paz (1996), a Ordem do Cruzeiro do Sul e a Honra ao Mérito (USP) recebidos por ela são um sinal de reconhecimento e influência de suas contribuições no âmbito civil.

(ASEL) Dr. Luís Henrique, o Senhor editora a revista *Cidade Nova do Brasil*, que também é editada em vários outros países do mundo. Poderia nos falar, brevemente, algo sobre essa ação e sobre a finalidade precípua da revista?



DR LUÍS HENRIQUE. A Revista *Cidade Nova* é uma publicação mensal editada pela Editora Cidade Nova (www.cidadenova.org.br), do Movimento dos Focolares no Brasil (www.focolares.org.br), e pertence uma rede mundial de trinta e cinco edições publicadas em vinte e quatro idiomas. Tem como objetivo central ser um instrumento de opinião e difusão da cultura da fraternidade, compromisso inspirado no carisma da Unidade, próprio do Movimento dos Focolares. A revista não tem, pois, um fim em si mesma, mas é uma obra dessa Obra maior, aprovada pela Igreja. Por cultura da fraternidade, *Cidade Nova* compreende relações humanas em que as pessoas se veem reciprocamente como irmãs. Ver o semelhante como irmão significa construir uma relação de profundo respeito, de igualdade, e, sobretudo, de amor, aquele mesmo Amor evangélico que é capaz de dar a vida pelo outro. Ou seja: um amor que admite a experiência da cruz, de superação do sofrimento para demonstrar concretamente o quanto se quer bem ao próximo. A esse amor a fé cristã chamou de *ágape*. Para *Cidade Nova*, a fraternidade pode ir além das relações privadas e atingir todos os âmbitos do pensamento e atividades humanas. Por isso, seu propósito central é oferecer reportagens e artigos de opinião sobre os mais diversos temas da atualidade — política, economia, educação, religião, saúde, arte, esportes e assim por diante — sob o olhar da fraternidade e da proposta do papa Francisco de “uma Igreja em saída”.



(ASEL) Prof. Luís Navarro, o Senhor poderia nos explicar qual o significado do estudo e da ciência para Chiara Lubich? Antes, gostaríamos que fizesse uma breve apresentação pessoal.

Prof. Luís de Jesús Navarro. Gostaria de agradecer a permissão que me deu para falar de um assunto tão importante para Chiara que foi o estudo. Sou engenheiro mecânico do Paraguai, mas concluí minha formação acadêmica no Brasil, na Universidade Federal de Petrópolis, com Mestrado em Ciência dos Materiais pelo Instituto Militar de Engenharia do Rio de Janeiro. Estou concluindo o doutoramento em Ciência da Engenharia Elétrica pela Faculdade Politécnica da Universidade Nacional de Assunção, onde hoje sou professor. Sou casado com uma médica, Leonor Navarro, e temos três filhos.

Realmente, Chiara valorizou o estudo que está, também, vinculado ao amor. Aliás, nasce do amor e contém uma parte que vem diretamente da sabedoria divina e outra parte que depende do nosso esforço pessoal em procurá-la. A sabedoria é o verbo de Deus, é o próprio Deus, o seu pensamento. É ver tudo com seus olhos, interpretá-lo com os seus pensamentos. A melhor maneira de conhecê-lo é através de Jesus, porque é palavra de Deus encarnada. O estudo é um meio de irradiar melhor a sabedoria. A necessidade de estudar vem da vontade de conhecer o ser amado. Quem ama quer conhecer cada vez mais aquele que ama. Quem ensina aqueles que estão dispostos de coração é o próprio Jesus que é o Mestre; a sabedoria é uma só e dela nascem todos os saberes e ciências. O estudo não é mais importante que o amor, mas deve estar sempre em função do amor. Chiara queria estudar filosofia, mas por conta da guerra não pode fazê-lo e, na busca de amar a Deus no homem, procurou estudar e incentivar o estudo em muitas direções e acabou por receber o *Doutorado Honoris Causa* em várias ciências humanas. Os estudos sobre o homem e sua vida no seio social nascem para o bem do homem, permitem exercer, com qualidade e excelência, nossos trabalhos ou profissões que, se os fazemos por amor, também se impregnam da sabedoria que vem do alto e pode transformar a sociedade no âmbito do trabalho, da educação, da arte, da política, etc. No início do Movimento, ela comparou a palavra de Deus com a doutrina da Igreja, foi às suas raízes, conectou-se com a fonte de tudo que é Deus. Depois, ela confrontou as próprias descobertas com outros autores e descobriu que as ciências, mesmo que desenvolvidas por ateus, tinham por objetivo melhorar a condição humana. Não há em Chiara fundamentalismo, nem exclusão da ciência, mas uma busca pela fraternidade universal, pela transformação do tecido social que permita ao homem viver, harmonicamente, não só com a natureza, mas com as diferenças, daí o estudo profundo dos diálogos. As descobertas realizada -- pensou Chiara--deveriam

ser difundidas através de ações culturais, da arte, dos meios de comunicação, das redes sociais etc. Ela organizou vários congressos internacionais, criou Centros e Instituições de ensino e estudo, como a já citada *Escola Abbà*, o *Instituto universitário Sophia* que surgiu em Loppiano, em Florença e diversas escolas primárias onde, além do conhecimento sobre o mundo, aprende-se, concretamente, a *Arte de Amar*. Assim, Chiara dá à igreja e à humanidade uma nova doutrina, um novo conhecimento que nasce do evangelho aplicado às experiências de vida. Essa doutrina torna novas realidades antigas e cria outras que não existiam, mas que podem iluminar toda humanidade. Enfim, estudamos, no Movimento, por amor a Deus, para servi-lo melhor nas outras pessoas que nos rodeiam. O estudo nasce da vida, hoje, atual de cada um.



Chiara na Mariápolis Piero - Fontem - Camarões

(ASEL) Prof. Dr. Severino Barros de Melo, Chiara recebeu vários doutorados *Honoris Causa*, inclusive no Brasil e em uma instituição na qual o Senhor lecionou durante longo tempo de sua carreira de magistério. Poderia enumerar quais doutorados ela recebeu e o que isso significou para uma figura feminina nos meios acadêmicos.



PROF. SEVERINO BARROS Por ocasião da outorga do Doutorado *Honoris Causa* em Economia, conferido pela Universidade Católica de Pernambuco, em maio de 1998, atuava como professor do Departamento de Matemática e participei de uma comissão encarregada de viabilizar aspectos práticos desta solenidade. Respondendo a sua pergunta, do meu ponto de vista, o aspecto mais relevante dessa láurea não reside no fato de Chiara

ser uma figura feminina. Naquele período não considero que a participação feminina no contexto da academia ainda fosse um problema. O aspecto mais importante deste título, a meu ver, pode ser sintetizado numa frase que escutei de uma professora, nas primeiras reuniões preparatórias. Ela disse mais ou menos assim: Chiara Lubich, com sua proposta, revela-se uma pessoa extraordinária, pois não existe algo mais concreto e conflitante que a Economia. Ora, uma pessoa que consegue injetar uma perspectiva espiritual nesse contexto, colocando a partilha como centro, merece que sua mensagem seja reconhecida. Realmente chama a atenção como uma experiência de vida centrada numa visão de fraternidade universal possa ter merecido a atenção de pesquisadores não só de economia, mas de vários ramos do saber.

De fato, a LUBICH recebeu, pelo que sei, ao menos 16 doutorados *honoris causa* em diversos campos do conhecimento, entre os quais: Ciências Sociais pela Universidade de Lublin (Polônia- 1996), Teologia (Filipinas e Taiwan- 1997), Comunicações Sociais (Tailândia- 1997), Ciências Humanas (USA- 1997), Filosofia (México- 1997), Interdisciplinaridade (Argentina- 1998), Humanidades e Ciências da Religião (PUC- São Paulo, 1998), Economia (UNICAP- Recife, 1998 e Universidade Católica de Piacenza- 1999), Letras e Psicologia (Malta- 1999), Pedagogia (USA- 2000). Vale destacar também a outorga pela UNESCO do Premio Educação para a Paz (1996) que irmana, de modo especial, Chiara Lubich e o nosso querido Paulo Freire, que também foi homenageado com este título dez anos antes. Portanto, a proposta de atuação nas várias dimensões da vida social nos desafia a atuarmos na academia no estudo e elaboração de uma nova síntese em relação à riqueza que emerge do pensamento, vida e realizações de Chiara Lubich.



(ASEL) Prof. Nivaldo Inojosa, o Senhor fez seu Mestrado em Gestão Pública e Cooperação Internacional. Esteve durante vários anos na Ásia onde levantou um fecundo material com o qual elaborou sua dissertação. Chiara, muitas vezes, visitou essa região, movida por seu interesse em estabelecer um diálogo inter-religioso. Em que consiste esse diálogo e que influência ele teve no mundo?

Prof. Nivaldo Inojosa. Na compreensão de Chiara Lubich, à base de todo e qualquer diálogo se encontra a certeza de que todas as pessoas são candidatas à fraternidade universal: *“Compreendi que eu fui criada como um dom para quem me está próximo e quem me está próximo foi criado por Deus como um dom para mim, na terra tudo está em relação de amor com tudo: cada coisa com cada coisa.”* (LUBICH, 1949). No fundo, tudo se torna simples para quem consegue ter um olhar puro. Trata-se de entender que todas as criaturas são filhas de um mesmo Pai e, portanto, irmãs umas das outras, ideias

que têm a capacidade de transformar os relacionamentos entre as pessoas. Colocar-se de frente à outra pessoa, nesta atitude humilde de amor e serviço, destrói as barreiras e constrói pontes. Nesta perspectiva, é a pessoa que importa, independente de tudo. Questões de raça, religião, gênero, cultura, deixam de ser barreiras e se tornam riquezas compartilhadas. O diálogo então é fundamentalmente uma experiência vital, ligada ao cotidiano, enraizada na vivência das escrituras, na convicção profunda de que todas as pessoas são irmãs e na prática de um amor universal, que não faz distinção de nenhum tipo. O diálogo entre as religiões não é uma mera questão de debates e discussões; é, sobretudo, o esforço de colocar em prática a essência do ensinamento que a própria religião nos transmite, juntamente com o compromisso de construir pontes de amizade além das fronteiras religiosas. Ao mesmo tempo, o verdadeiro diálogo salvaguarda a integridade e a identidade de cada religião, ajuda a conhecer a religião do outro, implica entrar na pele do outro, ver o mundo como o outro o vê, entender o que é para a outra pessoa ser budista, muçulmano, hebreu, candomblecista e assim por diante. Isso requer fazer-se vazio completo diante da outra pessoa, mover todos os pensamentos, afetos, intenções, os projetos pessoais, para compreender o outro, em suma, “fazer-se um com todos”. Nesta ótica, compreende-se a riqueza do pluralismo religioso para a humanidade e, ao mesmo tempo, lança-se o desafio de reconstruir a unidade entre a família humana. Tive a oportunidade e a honra de acompanhar Chiara nesta estrada do diálogo na Tailândia, onde vivi por dezoito anos, e pude constatar, pessoalmente, a grandeza dessa mulher, que era capaz de colher os sinais da fraternidade universal em qualquer latitude e contexto no qual se encontrava. Com o seu modo de ser, criava pontes e estabelecia vínculos profundos de amizade com todas as pessoas que cruzavam o seu caminho. Posso testemunhar aquilo que vi e vivi, algumas consequências nas pessoas e na sociedade tailandesa: maior compreensão recíproca entre fieis budistas e cristãos, queda de preconceitos antigos e construção de novos relacionamentos, mudanças de ideias preconcebidas e estereótipos do que são as religiões e os seus seguidores, reconhecimento e valorização das diferenças e das riquezas que cada religião possui, em alguns âmbitos restauração do tecido social e construção de uma paz verdadeira e estável. Poderíamos então inferir que o diálogo inter-religioso produziu e produz abundantes frutos no mundo e continua abrindo caminhos para a unidade entre as pessoas¹.



Prof Nivaldo e o monge budista Luce Ardente

(ASEL) Prof Dr José Augusto Suruagy (Vang), o Senhor é professor titular da Federal de Pernambuco, e tem vasta experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Teleinformática. Sabemos que Chiara Lubich utilizou muito o sistema de coligações internacionais com o intuito de compartilhar com os membros do Movimento dos Focolares as notícias e ações ocorridas em diversas partes do mundo. Hoje com o advento das Live, das plataformas Zoom e Meet, essas notícias são veiculadas em profusão. Poderia nos dizer, em poucas linhas, que comparação podemos estabelecer entre o que ela utilizou para difundir seus pensamentos e suas ações e os que hoje as pessoas utilizam nas suas Lives?



DR. JOSÉ AUGUSTO SURUAGY. Dada a finalidade do Movimento dos Focolares que é o de colaborar para a realização do assim chamado Testamento de Jesus, “Pai, que todos sejam um” (Jo 17,21), um dos aspectos importantes na vida do Movimento, desde o seu início, é o do uso dos meios de comunicação. Este uso tem como objetivo a

divulgação do espírito do movimento e a manutenção da unidade entre os seus membros espalhados em todo o mundo. Inicialmente foram utilizadas simples correspondências postais. Posteriormente, foram utilizados os diversos meios à medida que se tornavam disponíveis: gravações, filmes, mídia impressa: folhetos, revistas, livros, etc. A ideia sempre foi usar bem os meios mais eficientes e modernos para promover a fraternidade entre todos. Em 1980, após um encontro que se celebrava o dia do onomástico de Chiara, em que se procurou manter o mesmo espírito de comunhão e fraternidade estabelecido naquele dia através de chamadas telefônicas, descobriu-se a disponibilidade de um serviço de teleconferência telefônica que passou a ser usado para manter o contato com a *família* de Chiara espalhada em todo o mundo. Através de contribuições recebidas de todo o mundo foi possível manter este serviço que inicialmente era limitado a um número máximo de conexões simultâneas, o que exigia a realização de diversas chamadas em horários distintos. Mais recentemente, com a popularização de serviços de *streaming* pela Internet, chegamos ao estágio atual em que é realizada uma única transmissão, com tradução simultânea em diversas línguas, acessível a todos aqueles que têm acesso à Internet. A evolução da tecnologia tornou possível uma maior interatividade e participação remota para o compartilhamento de notícias, experiências e dificuldades, como a recente situação causada pela explosão ocorrida no porto de Beirute e que afetou grande parte da população local, inclusive de diversos membros da comunidade local do Movimento.

A pandemia do Corona vírus e o conseqüente distanciamento social utilizado para desacelerar a sua difusão provocou uma maior necessidade e difusão de aplicativos de vídeo conferência que já estavam disponíveis anteriormente, mas que eram utilizados em menor escala. Muitas empresas e organizações passaram a adotar o trabalho remoto com o uso destas ferramentas para a realização de reuniões de trabalho da equipe local ou a nível nacional ou até mesmo internacional. Um grande número de pessoas passou a utilizá-los para manter o contato com a família e a participação em aulas remotas, congressos e eventos educacionais, culturais e religiosos. Como qualquer meio de comunicação, a Internet e estes serviços de *streaming* podem ser usados para o bem ou para o mal. Podem ajudar a mitigar a solidão provocada pelo distanciamento e criar uma maior união e fraternidade entre as pessoas, mas podem também incentivar a divisão através da divulgação e propaganda das mais diversas ideologias e até para atividades criminosas, como inclusive alerta o Papa Francisco em sua recente carta encíclica *Fratelli Tutti*. Cabe a nós saber discernir o que contribui e o que não contribui para a construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna.



(ASEL) Prof Geovanni Medeiros Costa, Chiara Lubich considerou o amor como fundamento para estabelecer a fraternidade universal. O que o Senhor tem a acrescentar sobre este assunto e que resultado prático isso trouxe para os relacionamentos interpessoais, sobretudo para a educação dos jovens? Antes, gostaríamos que o Senhor se apresentasse.

Geovanni Medeiros. Sou agrônomo e fiz o Mestrado em Produção Vegetal (UFPB: 1999). Trabalho na Secretaria de Estado da Agricultura Familiar e Desenvolvimento do Semiárido (Paraíba-PB). Minha esposa, Simone Medeiros, é psicóloga e professora de uma universidade particular. Temos três filhos: Ângelo (25 anos), André (23 anos) e Ana Clara (de 21 anos). Bem, passemos, agora, a sua resposta: Chiara Lubich acreditava que a fraternidade universal não poderia ser descrita apenas com palavras, mas com a própria vida e que cada ser humano poderia construí-la, no lugar onde estivesse, de forma concreta. Criou, então, uma fórmula pedagógica bastante interessante, conhecida por nós como “Arte de Amar”, que apresenta seis faces: amar a todos (igualmente); amar como a si mesmo; reconhecer a presença de Deus no outro; amar por primeiro (ou seja, não esperar que o outro ame e sim amá-lo antes); fazer-se um (que significa estar presente na vida do outro, não só nos momentos de alegria, mas nos de sofrimento) e amar o inimigo (ou seja, como diz Jesus “fazer o bem a quem nos odeia”). Esta abertura ao amor nos oportunizou, individualmente, como família biológica e mais amplamente como partícipes da família humana, um aprendizado pessoal e relacional que compartilhamos, continuamente, entre nós, gerando referências cotidianas de obstáculos superados e aceitação da diferença. Mas de todas as coisas que aprendi com Chiara, durante esses anos, acredito que uma das mais importantes foi saber perder a minha vontade para construir a unidade na Família. Você poderia nos perguntar, na prática, como isso se fez? Na verdade, fez-se no ter a coragem de renunciar ao autoritarismo de Pai ou ao machismo e colocar, em comum, o salário, escutando quais são as demandas de cada um em particular e tomando as decisões, coletivamente, sobre o que fazer com o que ganhamos durante o mês. Completando essa prática, gostaria de passar a voz a minha esposa, Simone.

Simone Veríssimo. Com Chiara, descobrimos, verdadeiramente, que *Deus é amor* e tem um Amor particular e imenso por cada um de nós. Esta descoberta nos leva a fazer cada ato por amor (seja escutando alguém com dificuldades no consultório, seja levando um copo com água para alguém, ou preparando o jantar) Se, por exemplo, por sermos

humanos, perdemos essa meta, Chiara nos ensinou a perdoarmos-nos e a começarmos a amar “como o sol que a cada dia faz nascer um novo dia”. Fomos passando essas ideias positivas de construção do bem e da fraternidade para os filhos e elas começaram a fazer a própria parte, nos estudos, nas atividades esportivas e recreativas, nas relações com os amigos e parentes etc. À medida que foram crescendo, foram desenvolvendo um pensamento crítico à luz do cuidado com o outro, enxergando a beleza das relações interpessoais, com um olhar mais atento aos necessitados. Graças a esse processo educacional, eles conseguiram formar opinião própria, mesmo quando as relações sociais (sobretudo aquelas em que a valorização do “ter” é sempre maior que a do “ser”) os impulsionassem a serem meros imitadores de opinião.



Chiara responde perguntas no Supercongresso Gen3 - 2002



(ASEL) Prof. Dr. Marconi Aurélio, o Senhor é Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco, além de ser Pesquisador Associado do Instituto de Estudos da Ásia (UFPE) e do Centro Internacional Chiara Lubich (Itália). Poderia nos dizer, em poucas linhas, a importância que Chiara Lubich legou ao campo da política? Como Chiara via as relações entre os partidos políticos? É possível a fraternidade existir nas diferenças?

PROF. DR. MARCONI AURÉLIO. Historicamente, a figura de Chiara Lubich esteve muito associada a aspectos religiosos e seu pensamento se desenvolveu, inicialmente, nos âmbitos teológico e filosófico. Mais recentemente, nuances de suas ideias permearam áreas mais aplicadas como as Ciências Sociais e Econômicas. Também na Política, é

crescente o interesse por aprofundar seus pressupostos e visão de mundo que, em última instância, refletem sua própria trajetória de vida e valores. Desde a juventude, Chiara Lubich demonstrou atuação cidadã efetiva, comprometendo-se com todas as pessoas que lhe estavam mais próximas. Em sua casa, na escola, entre os amigos envolvidos no movimento Ação Católica e, mais tarde, junto aos seus seguidores, os assim denominados focolarinos. Além de inúmeras ações humanitárias e do contínuo incentivo à *advocacy* junto às organizações internacionais em defesa da paz, da unidade, da fraternidade, dos direitos humanos etc., Chiara Lubich manteve interlocução pessoal com diversos expoentes políticos de seu tempo, sendo para muitos uma verdadeira conselheira: vereadores, prefeitos, deputados, senadores, governadores, presidentes, monarcas etc. Em seu arquivo pessoal, registra-se a troca de correspondências com centenas de personalidades políticas relevantes, de diferentes gerações e tendências políticas, provenientes de mais de quarenta países em todos os continentes. Além desses, há de se mencionar todos os milhares de encontros e diálogos estabelecidos ao longo de sua vida, com personalidades públicas, por onde andou.

Sua mensagem política é inovadora e desconcertante: propõe o amor agápico recíproco como sendo alicerce à convivialidade cidadã. Este gera interesses mútuos e compartilhados, capazes de levar todas as pessoas a se reconhecerem como irmãos e irmãs — portanto, livres e iguais — que se unem em função de projetos e benefícios comuns. A Política, assim, é compreendida como a arte do bem comum, ambiente no qual se pratica a fraternidade e se propõem ações consensuais, de convergência, em benefício de todos. Nesse sentido, os partidos políticos — por serem partes de um todo —, são valorizados e postos em relação uns com os outros, de modo que, a partir do diálogo e da cooperação, se reduzam absolutismos e sobreposição entre eles, visto que todos representam aspectos veritativos da mesma realidade comum. Para muitos, essa perspectiva é utópica, para outros tantos, é exatamente a razão pela qual a Política existe. Fato é que, Chiara Lubich propõe um estilo de vida social, civil, político de vanguarda e isto representa um verdadeiro salto civilizacional na Humanidade: a possibilidade de coexistirmos enquanto “humanos mundiais”, família universal, interconectada e que ousa cuidar-se reciprocamente. Ou seja, é um renovador convite a revisarmos nossos postulados e teorias no campo político, o que pressupõe desenvolvermos novos métodos e modelos de governança, de participação e de convívio harmônico, local e global.



(ASEL). Pe. Silvestre, o senhor poderia nos informar que razões levaram a Igreja Católica a acolher a proposta de abertura do processo de beatificação de Chiara Lubich, mesmo se ela não era freira, não vivia reclusa em oração, vivia imersa no ambiente cultural hodierno e dialogava com outras igrejas, religiões e culturas?

PE. SILVESTRE. A ideia que no passado estava muito nas nossas mentes e pode estar ainda hoje era que a vocação à santidade e o reconhecimento da santidade por parte da Igreja dizia respeito aos consagrados, quer religiosos, quer bispos e sacerdotes e, destes, sobretudo, quando eram fundadores de uma família religiosa. Todavia, já antes, mas, exactamente desde o Concílio Vaticano II, naturalmente com a redescoberta do chamamento de Jesus à vocação universal à santidade, os candidatos ao reconhecimento público da santidade, por parte da Igreja, cresceu imenso entre aqueles que, até então, eram quase uma excepção, os leigos, fossem eles, simplesmente leigos, ou casados ou consagrados. Neste sentido, Chiara Lubich, desde o início da sua descoberta de Deus Amor e do Carisma que Ele lhe concedeu, percebeu que todos, isto é, toda a humanidade, somos chamados à santidade e tudo isto, naturalmente, com a descoberta da frase do evangelho que identificava a finalidade do Carisma: “Ut omnes unum sint” “que todos sejam um”. Foi esta vocação de Chiara ao “Que todos sejam um!”, com a descoberta do seu mais amplo significado, que a levou a transmitir o seu Ideal aos católicos, mas, igualmente, aos cristãos de outras igrejas, aos membros de outros credos e ainda a todos aqueles que, não professando uma confissão religiosa, estão abertos aos valores humanos e aos ideais da fraternidade e da paz. O Ideal que deu origem ao Movimento dos Focolares ou Obra de Maria e às multidões que a ele aderiram e o puseram em prática, fez com que Chiara tivesse sido chamada a percorrer, podemos dizer, grande parte do mundo, onde levou o Ideal ou alimentou com ele a vida de todos aqueles que a seguiram. Chiara, a partir de uma certa altura, nomeadamente no início dos anos 80, lançou a todos uma proposta de caminhar juntos na santidade, ou seja, sermos santos juntos, pois, a vocação universal à santidade a isso conduzia, a uma santidade coletiva. Daí que, quando Chiara partiu deste mundo, estando já em curso diversas causas de beatificação e canonização de vários membros da Obra, sobretudo leigos e com destaque para os jovens, muitos cristãos, entre eles, Cardiais e Bispos, mas não só, muitos outros homens e mulheres de vários quadrantes, e até mesmo os não cristãos e os não crentes, se movimentaram no sentido de pedir à Igreja Católica que desse início ao processo de beatificação e canonização de Chiara. Foi aquilo que, afinal, aconteceu com o início da fase diocesana da Causa em 2013, na diocese de Frascati, na qual Chiara partiu para a vida eterna e cuja fase terminou em 2019. Agora a Causa encontra-se na fase romana e está

entregue ao estudo da Congregação para as Causas dos Santos que se pronunciará, a seu tempo, sobre a vida de Chiara, a sua fama de santidade e de sinais e dirá se ela, na prática da sua vida, viveu as virtudes cristãs de maneira heroica, conforme consta, oficialmente, de um processo canônico. Muito se poderia ainda dizer e explicar melhor, mas não há, certamente, espaço para mais. Ulterior informação, mais completa, pode ser encontrada nos sites da Obra de Maria e concretamente nas publicações sobre a Causa de Chiara.



Chegada de Chiara ao Salão de Congressos da Feira de Milão
para receber o Prêmio UELCI - como **Autora do ano** - em 09/03/1994